ENTRE MEMÓRIAS E TERRITÓRIOS: O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA SOBRE O QUILOMBO TABACARIA (AL)

Iara Katielle Pereira da Silva [1]
Charlane Moura da Silva [2]

INTRODUÇÃO

O ensino de História na educação básica constitui um campo fundamental para a compreensão das relações sociais, das disputas de memória e dos processos históricos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira (Nunes, 2026). Entretanto, a construção do conhecimento histórico escolar ainda enfrenta o desafio de superar abordagens centradas em narrativas hegemônicas, que frequentemente relegam as populações negras e suas experiências históricas a posições secundárias (Oliveira; Trindade; Alves, 2022; Reis; Santos; Bandeira, 2022). Nesse sentido, a valorização das comunidades quilombolas, de suas trajetórias de resistência e de seus saberes socioculturais representa uma possibilidade de ampliar as perspectivas de análise do passado e fortalecer práticas educativas comprometidas com a educação para as relações étnico-raciais (Santos; Andrade, 2020; Pinho; Pinto, 2020).

As comunidades quilombolas constituem territórios de memória, pertencimento e resistência, cujas histórias são preservadas por meio de diferentes práticas culturais, relações comunitárias e formas de transmissão de conhecimentos entre gerações (Silva, 2022; Pinto; Ribeiro, 2023). A oralidade, nesse contexto, desempenha um papel importante na preservação das experiências coletivas e na construção das identidades, possibilitando o acesso a narrativas que nem sempre encontram espaço nos registros escritos tradicionalmente utilizados no ensino de História (Vaz; Cezar, 2021; Oliveira, 2025).

A escolha do tema fundamenta-se na compreensão de que aproximar os estudantes das histórias e dos territórios que integram a realidade alagoana contribui para o

[1]Mestra pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, iara.katielleps@gmail.com;
[2]Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Biodiversidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, charlanesilva61@gmail.com;

reconhecimento de sujeitos historicamente marginalizados e para a construção de uma aprendizagem significativa, articulada à formação crítica e à valorização das experiências históricas locais (Silva; Silva, 2025; Silva; Silva, 2026a). Nessa perspectiva, a utilização de estratégias pedagógicas diversificadas pode favorecer o envolvimento dos estudantes e ampliar as possibilidades de aprendizagem histórica (Silva; Silva; Gomes, 2026; Silva; Silva, 2026b). Ao investigar a trajetória do Quilombo, a atividade possibilitou discutir a resistência negra, a organização comunitária e a importância da ancestralidade na preservação dos saberes e na constituição do sentimento de pertencimento, reconhecendo as relações entre território, memória e identidade na história dessa comunidade quilombola (Morais; Magalhães, 2020; Silva, 2020; Oliveira, 2025).

A partir dessa compreensão, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 8º ano da Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, localizada em Palmeira dos Índios, Alagoas, que teve como eixo central a elaboração de uma cartilha didática sobre o Quilombo Tabacaria. A proposta buscou articular o conhecimento histórico escolar à história local, utilizando a pesquisa, a escuta e a sistematização de relatos orais como estratégias para valorizar a memória, a ancestralidade e a identidade quilombola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização da história oral no ensino de História possibilita ampliar as fontes mobilizadas na compreensão dos processos históricos, incorporando experiências, lembranças e interpretações construídas pelos sujeitos sociais. Ao trabalhar com narrativas orais, o professor cria condições para que os estudantes compreendam que o conhecimento histórico não se limita aos documentos escritos oficiais, mas também pode ser construído a partir da análise crítica de testemunhos, memórias e experiências coletivas (Alves; Melo, 2020; Mendes, 2025).

Nesse campo, Portelli (1997) contribui para compreender a especificidade das fontes orais, destacando que elas não oferecem apenas informações sobre acontecimentos, mas também revelam os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas. Essa perspectiva é relevante para o estudo das comunidades quilombolas, cujas histórias envolvem formas de transmissão de conhecimentos, interpretações do passado e

experiências de resistência que precisam ser consideradas em sua complexidade (Biazo, 2024; Filgueiras et al., 2024).

A memória, por sua vez, constitui uma dimensão importante da construção das identidades coletivas. Halbwachs (2006) compreende a memória como um fenômeno relacionado aos grupos sociais e aos quadros coletivos nos quais as lembranças são produzidas e compartilhadas. Essa abordagem permite refletir sobre o papel das relações comunitárias na preservação das narrativas sobre o passado e na transmissão dos conhecimentos entre gerações, especialmente em comunidades quilombolas, nas quais a memória social e a história oral constituem referências de identidade e resistência (Filgueiras et al., 2024).

No contexto do Quilombo, a articulação entre memória e oralidade oferece possibilidades para compreender como as experiências históricas e os saberes comunitários participam da constituição das identidades quilombolas. A história oral, quando incorporada ao ensino de História, permite aproximar os estudantes dessas experiências e problematizar a diversidade de sujeitos, fontes e interpretações que compõem o conhecimento histórico (Silva, 2020; Benedetti, 2022).

Entretanto, trabalhar com a memória não significa considerar os relatos como reproduções neutras ou imutáveis do passado. As narrativas orais precisam ser contextualizadas, confrontadas com outras fontes quando disponíveis e interpretadas considerando as experiências dos narradores, as condições de produção dos relatos e os significados atribuídos às lembranças. Essa perspectiva contribui para o desenvolvimento da consciência histórica e para a compreensão da História como campo de investigação e interpretação (Biazo, 2024; Mendes, 2025).

O estudo das comunidades quilombolas exige uma compreensão que ultrapasse interpretações restritas à existência de antigos agrupamentos de pessoas escravizadas que resistiram à ordem escravista. Os quilombos também devem ser compreendidos a partir de suas trajetórias históricas, das formas de organização comunitária, das relações com o território e das práticas culturais que participam da construção de suas identidades (Marquezini; Guimarães; Barreto, 2024; Olegário; Schlindwein, 2025).

Assim, Munanga (1996), ao discutir as origens históricas do quilombo e suas relações com experiências africanas, contribui para questionar interpretações que tratam essas organizações exclusivamente como fenômenos isolados da história e das culturas

africanas. Essa abordagem favorece uma compreensão histórica da resistência negra que considera processos de continuidade, reelaboração cultural e formação de novas experiências coletivas no contexto da diáspora africana.

O território, nessa discussão, não corresponde somente a um espaço geográfico, pois também se relaciona às experiências vividas, às relações sociais, aos vínculos comunitários e às memórias compartilhadas. Assim, a história de uma comunidade quilombola envolve tanto sua relação com o espaço quanto os sentidos históricos, culturais e políticos atribuídos a ele por seus integrantes. Estudos sobre educação escolar quilombola destacam justamente a relação entre território, memória e fortalecimento das identidades coletivas. (Santos; Alencar, 2023).

No caso do Quilombo Tabacaria, a proposta pedagógica parte do reconhecimento de uma trajetória marcada pela resistência e pela organização comunitária, cuja preservação envolve a transmissão oral de conhecimentos e experiências. A ancestralidade, nesse sentido, constitui uma dimensão importante para compreender a continuidade dos saberes, a valorização das gerações anteriores e o fortalecimento do pertencimento coletivo. A produção acadêmica sobre educação quilombola também ressalta a importância de valorizar os saberes ancestrais e os vínculos entre identidade cultural e território. (Mascarenhas; Santos; Mascarenhas, 2022).

A produção de uma cartilha didática sobre essa comunidade permite inserir tais discussões no ambiente escolar, reconhecendo os sujeitos quilombolas como produtores de conhecimentos e protagonistas de suas próprias histórias. Ao aproximar os estudantes desse território, o ensino de História pode contribuir para questionar representações estereotipadas sobre a população negra e ampliar o reconhecimento de suas experiências históricas e culturais. Essa perspectiva dialoga com pesquisas sobre o ensino de História em Alagoas, que apontam a importância da história local para a formação crítica dos estudantes e para a valorização de experiências historicamente silenciadas. (Silva; Silva, 2025).

A educação para as relações étnico-raciais constitui uma dimensão fundamental da construção de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da população negra e com o enfrentamento do racismo. No Brasil, a Lei nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para estabelecer a obrigatoriedade do ensino

de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. (Brasil, 2003).

Essa legislação representa um marco para a ampliação das abordagens curriculares relacionadas às experiências históricas africanas e afro-brasileiras. Sua implementação, entretanto, exige mais do que a inclusão pontual de conteúdos: demanda práticas educativas que reconheçam a participação da população negra na formação da sociedade brasileira, valorizem suas produções culturais e problematizem as desigualdades raciais historicamente constituídas. Ao discutir os desafios da educação antirracista em Alagoas, Silva e Silva também chamam a atenção para os obstáculos à efetivação dessas políticas no contexto escolar, incluindo a necessidade de formação docente e de maior compromisso com a abordagem das relações étnico-raciais. (Silva; Silva, 2025).

Neste cenário, Gomes (2017), ao discutir o Movimento Negro como educador, destaca a importância das experiências e das reivindicações do movimento negro na produção de conhecimentos e na transformação dos processos educativos. Essa perspectiva permite compreender a educação como espaço de disputa de narrativas, construção de identidades e enfrentamento das desigualdades raciais.

Nesse contexto, o ensino da história de comunidades quilombolas contribui para superar abordagens que apresentam a população negra predominantemente pela escravização, deslocando a análise para suas experiências de resistência, organização, produção cultural e construção de conhecimentos. Essa mudança de perspectiva é fundamental para uma educação que reconheça a população negra como sujeito ativo dos processos históricos e que promova o reconhecimento de diferentes experiências e narrativas na formação da sociedade brasileira. (Gomes, 2017; Silva; Silva, 2025).

METODOLOGIA

A experiência pedagógica foi desenvolvida com estudantes do 8º ano da Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, situada em Palmeira dos Índios, Alagoas, tendo como objeto de estudo o Quilombo Tabacaria. A proposta foi organizada a partir da elaboração de uma cartilha didática, compreendida como instrumento pedagógico para aproximar os estudantes da história local e promover o reconhecimento das experiências históricas, culturais e sociais das comunidades quilombolas.

O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa, uma vez que privilegia a análise de uma prática educativa voltada à construção do conhecimento histórico por meio da valorização das memórias, das narrativas orais e dos saberes transmitidos entre gerações. A escolha dessa abordagem relaciona-se à natureza da proposta, que buscou compreender a importância da oralidade e da ancestralidade para a preservação da história e da identidade quilombola.

O percurso pedagógico envolveu atividades de pesquisa, escuta e sistematização de relatos orais, orientadas para a compreensão da trajetória do Quilombo Tabacaria, de sua organização comunitária e dos elementos que constituem suas memórias e referências identitárias. Essas atividades permitiram trabalhar a oralidade como possibilidade de acesso ao conhecimento histórico e como meio de valorização das experiências de sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados.

A elaboração da cartilha constituiu o eixo articulador das atividades, possibilitando reunir e organizar os conhecimentos construídos ao longo do processo. Por meio desse material, buscou-se transformar as informações e as narrativas trabalhadas em um recurso didático que contribuísse para o estudo da história local e para o reconhecimento da presença e da resistência negra na formação histórica de Alagoas.

A proposta foi desenvolvida em diálogo com a educação para as relações étnico-raciais, considerando a necessidade de incorporar ao cotidiano escolar conteúdos e práticas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira. Nesse sentido, a experiência procurou articular os conhecimentos curriculares às memórias e aos saberes comunitários, favorecendo uma abordagem do ensino de História comprometida com a diversidade cultural e com o enfrentamento do racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida com os estudantes do 8º ano teve como principal eixo a produção de uma cartilha didática sobre o Quilombo Tabacaria. A análise da proposta permite organizar a discussão em três dimensões articuladas: a valorização da memória e da oralidade, a construção do conhecimento histórico a partir da realidade local e as contribuições da atividade para a educação das relações étnico-raciais.

Um dos aspectos centrais da experiência foi a incorporação da escuta e da sistematização de relatos orais no processo de aprendizagem. Essa escolha possibilitou

trabalhar a oralidade como uma forma de acesso às experiências históricas e aos saberes transmitidos entre gerações, reconhecendo a importância das narrativas comunitárias para a preservação da memória coletiva (Alberti, 2004; Portelli, 1997).

A utilização de relatos orais no ensino de História favorece a reflexão sobre a diversidade das fontes históricas e sobre a necessidade de reconhecer diferentes sujeitos na construção do conhecimento. Em vez de restringir o estudo do passado aos documentos escritos e às narrativas tradicionalmente consagradas, a proposta valorizou experiências que contribuem para compreender a trajetória do Quilombo Tabacaria a partir de suas referências comunitárias (Biazo, 2024; Mendes, 2025).

Essa dimensão dialoga com as reflexões de Portelli (1997), para quem a história oral permite compreender tanto os acontecimentos narrados quanto os significados atribuídos a eles pelos sujeitos. Dessa maneira, as narrativas orais podem contribuir para a análise das experiências de resistência, das relações de pertencimento e dos processos de transmissão dos conhecimentos que integram a história quilombola (Oliveira, 2025; Silva, 2020).

A atividade também favorece a compreensão de que a memória não constitui apenas uma lembrança individual, mas participa da construção de vínculos coletivos e da continuidade de referências culturais. No estudo do Quilombo Tabacaria, essa discussão possibilita reconhecer a ancestralidade como elemento estruturante da identidade quilombola, articulando as experiências das gerações anteriores às formas contemporâneas de pertencimento (Halbwachs, 2006; Mascarenhas; Santos; Mascarenhas, 2024; Santos; Alencar, 2023).

A elaboração da cartilha didática (Figura 1) representou o principal instrumento de sistematização dos conhecimentos trabalhados durante a experiência. Ao organizar informações e narrativas sobre o Quilombo Tabacaria em um material voltado ao contexto escolar, a proposta buscou aproximar os conteúdos históricos das experiências sociais e culturais presentes na realidade alagoana. Essa perspectiva dialoga com estudos que destacam a importância da memória, do território e dos conhecimentos socioculturais na compreensão das comunidades quilombolas (Morais; Magalhães, 2020; Santos; Alencar, 2023).

Figura 1. Cartilha didática sobre a história, a memória e os saberes ancestrais da comunidade quilombola Tabacaria, localizada em Palmeira dos Índios, Alagoas, produzida no contexto da intervenção pedagógica com estudantes do 8º ano.



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

O desenvolvimento de materiais didáticos relacionados à história local pode contribuir para tornar o ensino mais significativo, pois permite estabelecer relações entre os conhecimentos curriculares e os territórios nos quais os estudantes vivem. Nesse processo, a comunidade quilombola deixa de aparecer apenas como tema distante e passa a integrar as possibilidades de investigação histórica, reflexão e reconhecimento da diversidade cultural (Alves; Melo, 2020; Oliveira; Trindade; Alves, 2022).

A cartilha também pode ser compreendida como um recurso de mediação entre os saberes comunitários e o conhecimento escolar. Sua elaboração exige selecionar, organizar e apresentar informações, procedimentos que favorecem a reflexão sobre como o conhecimento histórico é construído e comunicado. Ao mesmo tempo, o material pode ampliar as possibilidades de circulação das histórias e das memórias quilombolas no espaço educativo (Gomes, 2017; Reis; Santos; Bandeira, 2021).

Conforme indicado no resumo da experiência, a participação dos estudantes em atividades de pesquisa, escuta e sistematização de relatos orais contribuiu para a construção do conhecimento histórico e para o fortalecimento dos vínculos com a realidade local. Esses elementos apontam para o potencial pedagógico da articulação entre história oral e produção didática, especialmente quando o processo de aprendizagem considera os sujeitos e os territórios como dimensões fundamentais da investigação histórica (Alberti, 2004; Alves; Melo, 2020).

A terceira dimensão diz respeito às contribuições da experiência para a educação das relações étnico-raciais. Ao colocar a trajetória do Quilombo Tabacaria no centro da atividade pedagógica, a proposta abriu espaço para discutir a resistência negra, a organização comunitária, a ancestralidade e a preservação dos saberes socioculturais. Essa abordagem se aproxima das discussões sobre a memória quilombola como expressão de resistência e afirmação das identidades coletivas (Silva, 2022).

Essa perspectiva contribui para questionar representações que reduzem a história da população negra à escravização e às experiências de violência, reconhecendo também suas formas de organização, produção de conhecimentos e atuação na construção da sociedade brasileira. O estudo das comunidades quilombolas favorece, nessa perspectiva, a compreensão da população negra como protagonista de processos históricos e produtora de referências culturais e políticas (Gomes, 2017).

A proposta também se relaciona aos princípios da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da Rede de Ensino (Brasil, 2003). Ao valorizar a história e a cultura afro-brasileira por meio de uma experiência contextualizada na realidade alagoana, a atividade favorece a articulação entre currículo, memória e território, permitindo discutir a diversidade das experiências negras e a relevância das comunidades quilombolas para a história regional e nacional (Pinho; Pinto, 2020).

A valorização das trajetórias quilombolas no currículo também permite refletir sobre a importância de práticas educativas que reconheçam os conhecimentos produzidos pelas próprias comunidades e considerem suas experiências socioculturais na organização do ensino. Nesse sentido, a articulação entre a história local e a educação das relações étnico-raciais pode contribuir para ampliar as perspectivas presentes no ensino de História e fortalecer abordagens comprometidas com uma educação antirracista (Oliveira; Trindade; Alves, 2022; Reis; Santos; Bandeira, 2021).

As contribuições identificadas no resumo original apontam para o fortalecimento dos vínculos dos estudantes com a realidade local e para uma aprendizagem histórica significativa e crítica. É importante, contudo, distinguir essas conclusões gerais das evidências específicas da experiência: para afirmar mudanças de percepção, desenvolvimento de atitudes antirracistas ou ampliação efetiva do conhecimento dos estudantes, será necessário apresentar registros que demonstrem essas aprendizagens.

De modo geral, a experiência evidencia que a produção de materiais didáticos sobre comunidades quilombolas pode constituir uma estratégia relevante para aproximar escola e território, valorizar os saberes comunitários e ampliar as perspectivas presentes no ensino de História. Seu potencial formativo está relacionado não apenas ao produto final, mas também ao processo de investigação, escuta e construção de conhecimentos que fundamenta sua elaboração, reconhecendo a memória e a oralidade como dimensões importantes para a compreensão das experiências históricas das comunidades quilombolas (Alberti, 2004; Gomes, 2017; Mascarenhas; Santos; Mascarenhas, 2024; Silva, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica de elaboração de uma cartilha didática sobre o Quilombo Tabacaria evidenciou as possibilidades de articulação entre ensino de História, história oral e valorização dos saberes socioculturais das comunidades quilombolas. Ao desenvolver atividades de pesquisa, escuta e sistematização de relatos orais com estudantes do 8º ano da Escola Municipal Noé Simplício do Nascimento, a proposta buscou ampliar as formas de construção do conhecimento histórico escolar, reconhecendo a memória e a ancestralidade como dimensões fundamentais para a compreensão das experiências coletivas.

O trabalho permitiu destacar a importância da história local como perspectiva de ensino capaz de aproximar os conteúdos curriculares das experiências sociais e culturais que integram a realidade dos estudantes. Nesse sentido, o estudo do Quilombo Tabacaria contribuiu para colocar em evidência a resistência negra, a organização comunitária e os processos de transmissão dos conhecimentos entre gerações, ampliando as possibilidades de abordagem da história e da cultura afro-brasileira no espaço escolar.

A produção da cartilha constituiu um recurso de sistematização e valorização dos conhecimentos construídos ao longo da experiência, favorecendo a aproximação entre os saberes comunitários e os conteúdos escolares. Sua relevância pedagógica reside na possibilidade de reconhecer as comunidades quilombolas como espaços de produção de conhecimento histórico, cultural e social, superando perspectivas que as apresentam apenas como objetos de estudo e destacando seu protagonismo na preservação de memórias e na construção de identidades.

Além disso, a proposta dialoga com os princípios da educação para as relações étnico-raciais, ao contribuir para a valorização da história e da cultura afro-brasileira e para a problematização de narrativas que historicamente marginalizaram a população negra. A experiência reafirma, assim, a importância de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento da diversidade cultural e favoreçam uma compreensão crítica dos processos históricos.

Conclui-se que a história oral, articulada à produção de materiais didáticos sobre a história local, apresenta potencial para fortalecer o ensino de História e ampliar o reconhecimento das experiências quilombolas no currículo escolar. A continuidade de iniciativas dessa natureza pode contribuir para aprofundar o diálogo entre escola e

comunidade, estimular novas investigações sobre a história de Alagoas e consolidar práticas educativas comprometidas com a memória, o pertencimento e a justiça social.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas; Educação étnico-raciais; História local.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, D. S.; MELO, B. M. Currículo, memória e imagem: olhares docentes para o ensino da História Quilombola no Ensino Médio Integrado. **Revista Labor**, [S. l.], v. 2, n. 24, p. 303-326, 2020. DOI: https://doi.org/10.29148/labor.v2i24.60154

BENEDETTI, A. C. Narrativas insurgentes: a história sob o ponto de vista quilombola. **História Oral**, v. 25, n. 2, p. 85-102, 2022. DOI: https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1258

BIAZO, G. C. F. A produção teórica de conhecimento em história oral: diálogos possíveis entre Alessandro Portelli e José Carlos Sebe Bom Meihy. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n. 79, p. 317-340, 2024. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v79p317-340

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003

FILGUEIRAS, F. W. S.; QUEIROZ, P. R. C.; ALEXANDRE, J. F.; MOTA, D. Memória e história oral quilombola: reconhecendo o patrimônio cultural imaterial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023. **Anais** [...]. 2023.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MASCARENHAS, A. D. C. N.; SANTOS, A. R.; MASCARENHAS, P. S. M. Educação quilombola: saberes ancestrais e identidade cultural. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 21, 2024.

MARQUEZINI, H. C. A.; GUIMARÃES, L. D. V. M.; BARRETO, R. D. O. Decisão de (re)existir!: histórias e modos de organizar de uma comunidade quilombola mineira. **Organizações & Sociedade**, v. 31, ev31n0006EN, 2024.

MENDES, S. R. História oral, memória social e experiência: aproximação das abordagens teórico-metodológicas para pesquisas em ensino de História. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 22, n. 40, p. 126-148, 2025.DOI: https://doi.org/10.18817/ot.v22i40.1246.

MORAIS, J. R. G.; MAGALHÃES, L. F. B. G. Enraizamento, circuitos curtos e combate à pobreza rural no semiárido nordestino: uma experiência de desenvolvimento rural no quilombo Tabacaria. **Extensão Rural**, v. 27, n. 3, p. 20-39, 2020. DOI: https://doi.org/10.5902/2318179641255.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP,** São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez. 1995/fev. 1996.

NUNES, F. A. Ensino de História e identidades negras no espaço escolar: contribuições do PROFHISTORIA/UFPA para uma educação antirracista. **Cadernos Cajuína**, v. 11, n. 3, e2324, 2026. DOI: https://doi.org/10.52641/cadcajv11i3.2324

OLIVEIRA, I. C. G. Vozes que (re)existem: a história oral como instrumento metodológico no estudo de comunidades quilombolas. **Revista Campo da História**, v. 10, n. 2, e476, 2025. DOI: https://doi.org/10.55906/rcdhv10n2-044.

OLIVEIRA, O. M. D.; TRINDADE, L. R. D.; ALVES, P. A. Trajetórias de escolarização de negros/as e quilombolas: algumas referências para diversificar os currículos. **Revista e-Curriculum**, v. 20, n. 1, p. 128-154, 2022. DOI: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i1p128-154.

PINHO, V. A.; PINTO, F. C. Educação escolar quilombola: uma reflexão no contexto da educação para as relações étnico-raciais. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, SE, v. 30, n. 1, 2020.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

REIS, J. F. R.; SANTOS, D. C.; BANDEIRA, A. M. Ensino de História Africana e Afro-Brasileira na Educação Escolar Quilombola: experiências formativas no território Pau Pombo, em Santa Helena-Maranhão. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 67, p. 117-132, 2021.

SANTOS, A. A.; ALENCAR, M. F. S. Comunidade quilombola como território de memória e de fortalecimento da identidade: o papel da educação escolar quilombola. **Revista Educare**, [S. l.], v. 8, p. 1-35, 2023. DOI:https://doi.org/10.22478/ufpb.2527-1083.2023v8.65659.

SANTOS, R. A.; ANDRADE, S. S. Relações étnico-raciais e quilombos: dos conhecimentos socioculturais ao currículo da Educação Escolar Quilombola na

Amazônia paraense. **Nova Revista Amazônica**, v. 8, n. 2, p. 65-85, 2020. DOI: https://doi.org/10.18542/nra.v8i2.9373.

SILVA, I. K. P; SILVA, C. M. Desafios e perspectivas do ensino de História no Novo Ensino Médio em Alagoas: entre a formação crítica e as competências exigidas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2025. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025.

SILVA, I. K. P; SILVA, C. M. Histórias e narrativas: os desafios da educação antirracista em Alagoas. In: **CONEDU - EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**, 2026.Campina Grande: Realize Editora, 2026a.

SILVA, I. K. P; SILVA, C. M. A música como ferramenta pedagógica no ensino de História: relato de experiência no Ensino Fundamental - anos finais. **Revista Eletrônica da SEMEDE - Entre Saberes, Práticas e Ações**, v. 5, n. 7, p. 73-82, 2026b.

SILVA, I. K. P; SILVA, C. M; GOMES, V. S. B. Ludicidade e ensino de História: o uso do jogo Ludo na aprendizagem da História do Brasil. **Revista Eletrônica da SEMEDE - Entre Saberes, Práticas e Ações**, v. 5, n. 7, p. 43-50, 2026a.

SILVA, L. M. F. "Cada pessoa é uma amálgama de grandes histórias em potencial": reflexões sobre memória e narrativas quilombolas. **Revista Coletivo SECONBA**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 23-42, 2020. Disponível em: https://revistas.uneb.br/seconba/article/view/9705. Acesso em: 22 out. 2026.

SILVA, T. P. Quilombos, a memória e os saberes da resistência negra. **Revista Extraprensa**, v. 15, número especial, p. 456-472, 2022. DOI: https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.193906.

SILVA, M. O.; SCHLINDWEIN, M. N. Identidade, território e conservação: experiências empíricas de pesquisa em quilombos do Vale do Ribeira (São Paulo - Brasil). **Margens**, v. 19, n. 33, p. 99-118, 2025.